

O facebook como extensão da sala de aula: como alunos do Ensino Médio compartilham conhecimento no ciberespaço¹

Bruno dos Santos Joaquim²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central compreender de que forma jovens estudantes do ensino médio estão usando as redes sociais, em especial o facebook, como ferramenta de compartilhamento de conhecimento. A passagem do século XX para o XXI trouxe transformações sociais relevantes, especialmente para relação da sociedade com o saber. Hoje essa nova relação está marcada cada vez mais pela tecnologia, pela velocidade e pelo “saber fazer”. O crescimento do ciberespaço e o surgimento da web 2.0 já são marcas da contemporaneidade e implicam numa significativa mutação nas relações de comunicação e educação. Se no passado a escola era única fonte de conhecimento, agora o jovem se insere na cibercultura e em busca de novas formas de lidar com o saber. As redes sociais virtuais entram na escola principalmente através da expansão de grupos, ou comunidades, criados entre alunos de uma mesma turma. O objeto de análise é justamente esta ferramenta e as formas como os jovens se relacionam e compartilham conhecimento por esse meio. Adotou-se para esta investigação o método qualitativo. Alunos de uma escola em que esta ferramenta é bastante difundida foram entrevistados. Os resultados indicam que o uso dessa ferramenta vem se espalhando rapidamente e que já se tornou, em pouco tempo, cultura nesta escola, ainda que não conte com ampla participação de professores. Os alunos, de modo geral, acreditam que é possível aprender através do facebook e prezam por esse canal de comunicação por considerá-lo mais democrático, livre de regras e do controle da instituição escolar.

Palavras-chave: FACEBOOK; REDES SOCIAIS; CIBERCULTURA; TECNOLOGIA EDUCACIONAL.

1. INTRODUÇÃO

Entre as grandes transformações sociais relevantes deste início de século estão as novas formas de relação entre a sociedade e o saber. Hoje a busca por conhecimento está marcada cada vez mais pela tecnologia, pela velocidade e pelo “saber fazer”.

¹ Trabalho apresentado para o II SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo).

² Graduado em Ciências Sociais pela UNESP/Araraquara; pós-graduando em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela USP; professor de Sociologia na rede pública do Estado de São Paulo.

Segundo Pierre Lévy (1999), o crescimento do ciberespaço e o surgimento da cibercultura marcam a sociedade contemporânea e implicam numa significativa mutação nas relações de comunicação e educação.

No plano da comunicação o fenômeno da web 2.0 trouxe uma reorganização de seu sistema. Há, segundo Aparici (2012), uma retomada do conceito original de comunicação, enquanto um processo de diálogo, de interação e de transformação contínua. Rompe-se, deste modo, com as formas de comunicação de massa concentradas no emissor de informação, que exerce poder sobre os receptores. “Na web 2.0, a relação comunicativa é de todos com todos, e se pode estabelecer uma infinidade de conexões entre todos os cibernautas” (APARICI, 2012, p. 25).

No plano da educação este processo implica em pensar em como cibercultura e educação se entrelaçam. Isto passa pela necessidade de repensar também o papel do professor, que já não precisa mais exercer papel central na escola. “A principal função do professor não pode mais ser a difusão dos conhecimentos [...]. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a inteligência coletiva dos grupos que estão à seu cargo” (LÉVY, 1999, p. 171). Assim como o papel do aluno, que já não aprende mais passivamente como antes.

No bojo destas transformações surgem as redes sociais virtuais, como um dos elementos formatadores da web 2.0 e que permitem novas práticas de interatividade e de comunicação entre os indivíduos. O *facebook* se destaca entre elas por ser um software em expansão e que atingiu grande popularidade especialmente entre os jovens no Brasil. Por ser colaborativo e oferecer recursos de produção e compartilhamento de conteúdo, esta ferramenta passou a ser espontaneamente utilizada também no campo da educação.

O uso do *facebook* pode se dar de diversas maneiras e com inúmeros objetivos. Notou-se, a partir de observações do ciberespaço e do convívio com alunos do Ensino Médio, que muitos vêm utilizando o recurso da formação de grupos, ou comunidades, de usuários do *facebook*, unindo todos os alunos e alguns professores de suas turmas em uma única página. Esta ferramenta permite o compartilhamento de documentos, vídeos, informações, discussões, enfim, de uma infinidade de elementos que contribuem para a aprendizagem destes alunos. Tomando o funcionamento destes grupos de estudantes e professores como objeto de análise, esta pesquisa se debruçou no tema com o objetivo de contribuir com algumas questões fundamentais. Qual a origem destes grupos? Como funcionam? Qual o papel dos professores dentro

deles? O que se compartilha e se constrói de conhecimento e informação em seu interior? Ele pode ser considerado uma ferramenta de aprendizagem?

Adotando uma abordagem qualitativa, a pesquisa de campo se deu em uma escola privada no litoral do estado de São Paulo, onde 12 alunos do Ensino Médio foram entrevistados³. A intenção fundamental é compreender suas percepções sobre esses grupos e poder, dessa forma, contribuir com a compreensão deste fenômeno. Para isso foi também necessário uma pesquisa teórica que abordou a questão da cibercultura, principalmente pautado no pensamento de Pierre Lévy (1998; 1999), o desenvolvimento da web 2.0, a partir dos textos de Mattar (2013) e Aparici (2012) e a a educomunicação, a partir do trabalho de Soares (1999), como forma de compreensão da associação entre comunicação e educação que as redes sociais possibilitam.

2. CIBERCULTURA, WEB 2.0 E REDES SOCIAIS NA ESCOLA

O ciberespaço passa por um processo de expansão. A elevação do acesso à tecnologia e à internet e os atrativos da web 2.0 vem acelerando esse processo e solidificando a cibercultura em nossa sociedade. Segundo Lévy (1999), cibercultura pode ser entendida um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensar e de valores que se desenvolve a partir do crescimento do ciberespaço. Ela “expressa um novo universal, diferente das formas culturas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer”. (LÉVY, 1999, p. 15).

As significativas transformações provocadas pela cibercultura oferecem enorme impacto também sobre a educação. Trata-se de uma nova forma de lidar com o próprio saber, tanto do ponto de vista quantitativo, quanto qualitativo. Do ponto de vista qualitativo a demanda por conhecimento e informação é muito maior do que no passado. Do ponto de vista qualitativo, o que se acompanha é uma mudança fundamental nos processos de aprendizagem, cada vez mais centrados na aprendizagem cooperativa e na construção da inteligência coletiva (APARICI, 2012).

Segundo Tim O’Reilly (2005), o início deste século foi marcado por uma verdadeira reviravolta na organização do ciberespaço. O nascimento de uma nova era na internet, chamada de web 2.0, proporcionou transformações fundamentais para as redes de

³ Esta coleta de dados se deu em função da pesquisa realizada para o trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Ética, Valores e Cidadania na Educação – EACH/USP.

comunicação, o que, entre outras novidades, favoreceu o surgimento das redes sociais. A web 2.0 transformou ainda mais profundamente as inter-relações de comunicação e de produção de conhecimento. Trata-se de uma relação todos-todos e não mais unidirecional como outros veículos de comunicação, ou até mesmo a internet do passado. “A web 2.0 modificou as regras do jogo e permite que na internet seja possível contribuir de maneira colaborativa na construção do conhecimento coletivo, a partir de atos de comunicação individuais ou grupais” (APARICI, 2012, p.25).

Este fenômeno aprofunda ainda mais a ideia de Lévy (1999) acerca da inteligência coletiva, isto é, a construção do conhecimento que ocorre por meio de uma mobilização efetiva das competências de milhões de usuários. Segundo Mattar (2013) a colaboração é a característica mais fundamental da Web 2.0, pois suas novas ferramentas permitem novas relações de interação que antes não existiam. As novidades deste novo contexto se referem à ideia compreender os usuários como colaboradores dos softwares, os blogs individuais e coletivos, as wikis, os games online e principalmente as redes sociais virtuais.

A escola, no entanto, não vem acompanhando este processo na mesma velocidade em que ele se dá. De acordo com Aparaci (2012), crianças e jovens estão submetidos à dois universos em que dentro da sala de aula praticam uma cultura formal baseada na linearidade e na figura do professor, enquanto fora dela praticam uma educação informal que se conecta com o mundo através das redes sociais. A escola precisa reconhecer que já não é mais sua única forma de acesso ao saber, pois o aluno também

[...] aprende com o controle remoto da TV, com o joystick do videogame e agora aprende com o mouse e tela tátil [...] Evita acompanhar argumentos lineares que não permitam a sua interferência e lida facilmente com ambientes midiáticos que dependam de seu gesto instaurador que cria e alimenta a sua experiência comunicacional (SILVA, 2008, p. 70).

Nenhum conceito define com mais propriedade essa nova relação da sociedade com o saber e com as novas formas de comunicação do que a ideia de rede. “Elas constituem uma nova forma morfológica em educação, modificando substancialmente as operações e os resultados do ensino-aprendizagem” (MATTAR, 2013, p. 26). As redes sociais sempre existiram, enquanto forma de organização social, mas foi com o crescimento do ciberespaço e fomento da web 2.0 que ela extravasou a esfera das relações presenciais e se tornou online, dando origem ao que se costuma chamar de

redes sociais virtuais. Os softwares como *Orkut*, *LinkedIn*, *Twitter*, *Flicker*, *Youtube*, *Second Life*, *Instagram* e, o mais popular deles, o Facebook, que são tratados como redes sociais, são, na verdade, tecnologias proporcionadas pela web 2.0. Hoje quase todos eles são acessíveis a partir de dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets*.

Essas redes sociais virtuais não foram criadas com objetivos educacionais, mas seus usuários direcionam o conteúdo compartilhado de acordo com seus interesses. Neste sentido, é possível compreendê-las como um espaço aberto de comunicação, e não é possível pensar em comunicação sem pensar em educação. Na medida em que alunos do Ensino Médio utilizam o *facebook* como forma de compartilhar conhecimentos e informações de seu interesse, ele passa a ser uma plataforma de educação. Mas de que forma se dá essa troca? Quais as vantagens o *facebook* oferece para o compartilhamento de conteúdo?

Os recursos do *facebook* são quase todos intuitivos, o que significa que seus usuários não precisam de grande conhecimento técnico para usá-lo. Entre esses recursos estão a) o perfil do usuário, que oferece espaço para textos, notas, imagens, vídeos, comentários, eventos e etc.; b) as páginas, que são normalmente institucionais ou ligadas à outras páginas da web, em que, após uma curtida, o usuário passa a receber suas atualizações; c) eventos, por onde é possível marcar encontros entre usuários, presenciais ou não; d) docs, que permite a criação colaborativa de documentos; e) os grupos, que são o foco central desta pesquisa, pois é por meio deles que se dá o compartilhamento de conhecimento entre estudantes do Ensino Médio da escola investigada.

A interatividade que um grupo no *facebook* oferece é uma verdadeira oportunidade pedagógica. Segundo Mattar,

Grupos são espaços online em que as pessoas podem interagir e compartilhar recursos e comentários. É uma maneira de alunos e professores trabalharem em projetos colaborativos. [...] Quando um membro posta algo no grupo, como um link para um artigo, uma questão ou uma atividade, outros membros receberão uma mensagem do Facebook com a atualização. Essa seria uma oportunidade para estender a aprendizagem para fora das paredes da sala de aula tradicional [...]. (MATTAR, 2013, p. 118).

Há ainda poucos trabalhos de pesquisa, principalmente no Brasil, que tratem dos limites e possibilidades do *facebook* enquanto ferramenta de aprendizagem. Esta pesquisa procura investigar uma das inúmeras possibilidades de seu uso. Os grupos criados por alunos do Ensino Médio com o objetivo de compartilhar conhecimento e

informações entre si é uma prática de comunicação e educação em que o estudante é protagonista.

3. EDUCOMUNICAÇÃO

Para compreender a dimensão do uso do *facebook* no compartilhamento de conhecimento entre estudantes do Ensino Médio, é preciso encontrar nesse fenômeno o traço de uma teoria. As redes sociais são ferramentas de interação e comunicação da web 2.0. O *facebook*, a mais famosa das redes, não foi criado com o objetivo de ser uma ferramenta de aprendizagem. Entretanto, seu uso verificado neste trabalho o transformou em um espaço que extrapola os limites da sala de aula e, portanto, permite o processo de aprendizagem. Neste sentido, fez-se necessário olhar para este fenômeno a partir da ótica de uma teoria que compreende comunicação e educação como dois processos indivisíveis.

Diante dos avanços tecnológicos e da ampliação do poder de comunicação que ele nos proporciona, através de computadores, telefones celulares, internet e etc, comunicação e educação não podem mais serem vistos como dois temas distintos. Um está ligado ao outro, pois a comunicação é fundamental para a educação e vice-versa (SOARES, 1999).

O conceito de educomunicação propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos na escola e em outros espaços de aprendizagem, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar. Segundo o professor Ismar Soares (1999), educomunicação pressupõe um

[...] conjunto das ações voltadas para a criação de ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, favorecedores tanto de relações dialógicas entre pessoas e grupos humanos quanto de uma apropriação criativa dos recursos da informação nos processos de produção da cultura e da construção e difusão do conhecimento (SOARES, 1999, p. 24).

Não se trata, portanto, apenas da reflexão sobre o uso das tecnologias da comunicação e da informação na escola, mas de um conjunto de ações voltadas a criar e fortalecer espaços de aprendizagem e de comunicação que ultrapassem a sala de aula e as grandes mídias, e possam transformar o aluno em sujeito produtor de cultura e conhecimento.

Para Barbero (1997), a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto. Portanto, não se trata simplesmente de usar o rádio, a televisão, o cinema e a internet como instrumentos de aprendizagem, mas utilizá-los na construção de um espaço que rompe a hierarquia do conhecimento e da produção cultural.

Segundo Pierre Lévy (1998), as tecnologias devem ser vistas não como meras ferramentas de ensino, mas como um elemento constituinte da relação com o saber, alterada, em sua natureza, por “tecnologias intelectuais” que ampliam, exteriorizam e alteram funções cognitivas humanas. Trata-se de contribuir com a formação do *homo sapiens* digital, definido por Prensky (2012) como aquele que aceita o aperfeiçoamento de seus conhecimentos digitais e ao mesmo tempo faz uso das tecnologias para se aproximar do conhecimento e da informação que não domina.

O objetivo da educomunicação, portanto, é construir a cidadania através de uma educação emancipatória, colaborando com a formação do sujeito crítico, capaz não somente de receber, interpretar e criticar a mensagem veiculada pelas mídias, mas também capaz de ser ele próprio produtor desta mensagem. Para que o aluno possa desenvolver esse senso crítico, a educomunicação valoriza a informação como um todo e para isso precisa trabalhar com temas transversais e com a interdisciplinaridade.

Nesse contexto, as tecnologias de comunicação surgem como instrumentos para mediação onde o cenário e o ambiente em que atuam devem ser considerados. Soares (1999) lembra que o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação. Seria os grupos no *facebook* um exemplo deste ambiente?

De acordo com Mário Kaplún (1999) é necessário valorizar a manifestação pessoal no processo ensino/aprendizagem, e na escola, a educomunicação pode promover a integração do grupo, dar lugar para que os alunos se manifestem abolindo a centralização e valorizando a pluralidade. A educomunicação descentraliza o poder de informação do professor tornando o aluno agente de seu conhecimento. “Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo” (KAPLÚN, 1999, p. 73).

Dessa forma, a educomunicação ajuda a promover a democratização do espaço escolar onde alunos, professores e comunidade aprendem uns com os outros, formando os ecossistemas comunicativos, como as redes sociais. A análise das entrevistas demonstrará que os grupos de alunos do *facebook* se enquadram, ao menos parcialmente, naquilo que os pensadores da educomunicação propõem. É possível, portanto, pensar na construção de uma sala de aula e uma escola democrática utilizando o *facebook* como ferramenta de comunicação? Os alunos não seriam atores protagonizando seu próprio processo de comunicação e aprendizagem?

4. METODOLOGIA

Desde o desenvolvimento da problematização deste trabalho, a abordagem qualitativa se revelou a mais adequada. A reflexão metodológica é parte fundamental da pesquisa científica. É preciso esclarecer que metodologia é entendida aqui como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, questionando acerca de seus limites e possibilidades (DEMO, 1989). Ela é, dessa forma, um instrumento a serviço do pesquisador, que oferece ferramentas para sua investigação. Sendo assim, “o uso de uma metodologia ou de outra dependerá muito do tipo de problema colocado e dos objetivos da pesquisa” (MARTINS, 2004, p. 293).

Para esta pesquisa, a seleção de uma metodologia qualitativa decorreu do conjunto de características que a aproximam das necessidades indicadas tanto pelo objeto de análise quanto pelo próprio pesquisador. Este recorte metodológico foi escolhido para investigar o uso da rede social virtual *facebook* no compartilhamento de conhecimento de alunos de uma escola de ensino médio privada no litoral do estado de São Paulo. Elaborou-se um questionário semiestruturado com 14 questões abertas que foi aplicado à 12 alunos dos três anos do Ensino Médio.

Segundo Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa no campo da educação envolve a obtenção de dados descritivos obtidos através do contato direto do pesquisador com a situação estudada. Ela deve enfatizar mais o processo do que o produto e se preocupar em retratar a perspectiva dos atores da escola investigada. Por isso o contato do pesquisador com os alunos é fundamental para a abordagem qualitativa.

Primeiramente, este método deve ter o ambiente natural como sua fonte direta de coleta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Na medida em que os grupos do *facebook* estão no ciberespaço e são entendidos como uma extensão

das relações existentes na escola, o ambiente natural da pesquisa precisou ser a própria escola. A presença do pesquisador na escola é fundamental para obtenção direta de dados, na medida em que o problema aqui investigado é específico, não se trata de compreender o que os jovens fazem na internet e sim como compartilham suas relações e saberes escolares no ciberespaço. O recorte, portanto, é a escola, pois o contato entre alunos e professores no ciberespaço é entendido neste trabalho como extensão das relações presentes em seu interior.

Na abordagem qualitativa os dados coletados são predominantemente descritivos. Isso significa que a investigação não se propôs a buscar dados estatísticos de qualquer espécie. A fonte de dados se refere às observações do pesquisador e às respostas dos alunos sobre sua visão e seu uso do *facebook* como ferramenta de aprendizagem. Como no método qualitativo a preocupação com o processo é muito maior que com o produto, o pesquisador optou por não visitar a página desses grupos de alunos entrevistados para verificar se o que foi dito por eles corresponde ao conteúdo de suas páginas. O foco central da abordagem qualitativa é a sua percepção, o significado que os atores dão as coisas (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A escola selecionada para a pesquisa empírica se caracteriza como uma instituição privada, com estudantes de um bairro de classe média. Sua seleção não obedece necessariamente um critério de representatividade, objetiva apenas inferir algumas generalizações sobre como jovens estudantes usam o *facebook* para compartilhar conhecimento e estendem para o ciberespaço as relações estabelecidas em sala de aula.

Para realização das entrevistas a escola foi visitada quatro vezes ao longo do mês de setembro de 2013. É importante ressaltar que os jovens inseridos na cibercultura dominam as redes sociais como poucos e tem uma postura bastante reflexiva acerca disso. Segundo Zanten (2004), os atores sociais do mundo contemporâneo possuem um olhar mais apurado sobre a sua realidade, pois refletem constantemente sobre ela. Os alunos entrevistados obviamente já possuem uma visão construída sobre os limites e as possibilidades do uso dessa ferramenta de aprendizagem. Ao pesquisador cabe buscar captar essas percepções e tentar amenizar a relação de poder que se impõe entre pesquisador e pesquisado. “É difícil manter uma postura como se o investigador estivesse desvelando uma realidade que era totalmente ignorada pelos atores” (ZANTEN, 2004, p. 31).

O processo de seleção e análise do material também deve levar em conta a posição reflexiva dos entrevistados. O investigador deve ser rigoroso, mas “[...] sem

pensar que os atores são ‘idiotas culturais’, que o investigador é superior à compreensão dos problemas sociais que já tem os atores, em maior ou menor medida” (ZANTAN, 2004, p. 32). Os alunos entrevistados demonstraram possuir domínio total do Facebook, não só como ferramenta de aprendizagem, mas também como espaço de comunicação frequentado por todos eles.

“Outra característica importante da metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva” (MARTINS, 2004, p. 292).

Analisar os dados obtidos por meio das entrevistas é um processo que demandou não apenas a releitura rigorosa das entrevistas, mas também uma reflexão acerca das impressões do pesquisador diante da postura e da fala de cada estudante. Como há grande homogeneidade nas respostas, não houve necessidade de classificá-las em categorias. Houve sim grande preocupação em manter o rigor metodológico aliado à percepção intuitiva do pesquisador durante a análise de dados.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da definição do recorte metodológico e levando em conta os limites e as possibilidades da abordagem qualitativa, a análise de dados é entendida como um olhar interpretativo do pesquisador. Com o objetivo de facilitar esta análise, os estudantes serão enumerados de 1 a 12 ao serem citados. As suas respostas serão analisadas por temas e algumas falas dos entrevistados serão elencadas, de acordo com as necessidades de encontrar respostas – ou novas perguntas – para a problematização da pesquisa.

Esta análise de dados foi compartimentada em quatro etapas, com o objetivo de racionalizar sua interpretação: a gênese dos grupos do *facebook*, que objetiva compreender sua origem; o conhecimento compartilhado, que busca compreender o que e como se compartilha conhecimento no *facebook*; o professor no *facebook*, que analisa o papel do professor nos grupos; e, por fim, a escola e o *facebook*, que pretende sintetizar a visão crítica dos alunos em relação à vigilância da escola nas redes sociais.

5.1 A gênese dos grupos do facebook

Ao se deparar com o problema de investigar o funcionamento dos grupos que compartilham conhecimento no facebook, uma das primeiras inquietações que vem à tona se refere à sua origem. De onde veio a ideia de criar um grupo no facebook para que todos os alunos da sala se encontrem fora – ou até durante – o horário de aula para compartilhar certos conteúdos? O objetivo do questionamento é verificar três aspectos: a) se isso já se tornou um hábito, se já faz parte da cultura de jovens cibernautas ou pelo menos parte da cultura desta escola investigada; b) quem toma a iniciativa em sala de aula para a criação do grupo, o aluno ou o professor; c) se houve migração de outra rede social virtual para o facebook.

Sob dois aspectos é possível verificar que a criação de grupos de alunos de uma mesma turma no facebook já é uma prática enraizada entre os jovens, pelo menos na escola verificada. Primeiramente porque poucos souberam afirmar com precisão de onde veio a ideia inicial. Dos 12 entrevistados 4 afirmaram que o grupo já existia em anos anteriores e, portanto já não se trataria mais de uma novidade. “O grupo é o mesmo do ano passado, só mudamos o nome. Não me lembro de onde veio a ideia, mas foi no ano passado” (ESTUDANTE 7). Outra fala interessante se refere à constatação do próprio estudante de que isso se tornou um hábito entre os alunos da escola: “Nós temos porque toda sala tem. Desde que entrei na escola isso existe” (ESTUDANTE 2). Outros 4 estudantes afirmaram que a ideia foi copiada de outra sala, o que demonstra mais uma vez o caráter cultural do fenômeno dentro daquela realidade. “Eu trouxe a ideia para minha sala, mas copiei das minhas irmãs mais velhas que já tinham um grupo na sala delas” (ESTUDANTE 1).

Como os moderadores dos grupos foram priorizados nas entrevistas, a grande maioria se afirmou responsável pela criação e pela manutenção do grupo, mesmo não sabendo afirmar exatamente de onde veio a ideia inicial. Entre os entrevistados 5 disseram que um aluno trouxe a sugestão do grupo para a sala, enquanto 3 afirmaram que foi um professor. “Uma professora pediu para a gente criar para ela mandar slides e matérias para estudar, mas não sei se a ideia foi dela” (ESTUDANTE 5).

Outra explicação registrada foi a migração de outras redes de sociais para os grupos do facebook. Um dos entrevistados afirmou que as comunidades na rede social Orkut, a mais popular no Brasil entre 2004 e 2009, teriam se transformado agora nos grupos do facebook. Um segundo estudante afirmou que a formação do grupo foi resultado do insucesso do grupo de e-mails dos alunos da turma de anos anteriores. “A gente tinha um grupo de e-mail para receber material dos professores, mas não

dava certo porque ninguém lê e-mail. Então criamos no ano passado o grupo. Todos acessam agora” (ESTUDANTE 8).

5.2 O professor e os grupos do facebook

Apesar do problema central desta pesquisa não ser verificar as práticas dos docentes no uso do facebook, através das falas dos alunos, sua presença foi constatada. Assim, o trabalho se propôs a de verificar também a maneira pela qual o aluno desta escola enxerga a participação de seus professores no grupo de sua sala. É preciso compreender primeiramente se existe participação dos professores nesses grupos. Caso contrário, o que justifica sua exclusão? Se os alunos são os criadores desses grupos, quais os critérios para que os professores sejam ou não convidados? Como os professores contribuem com os grupos?

A participação dos professores nesses grupos, seja ela mais ou menos constante, foi constatada nas entrevistas. Segundo os estudantes, todos os grupos contam com a participação de professores, em maior ou menor grau. Entre os 12 estudantes entrevistados 5 afirmaram que todos os professores foram convidados e integrados (ou adicionados) ao grupo da classe. Entretanto, os outros 7 alunos afirmaram que apenas uma parcela dos professores teria sido convidada para integrá-lo. Dois fatores justificam essa exclusão de parte dos professores dessas turmas: a) o fato de alguns professores não serem usuários da rede social; b) uma opção dos próprios alunos de acordo com critérios de afinidade.

Segundo alguns alunos, os professores convidados foram selecionados pelos moderadores. Algumas falas justificam essa afirmação. “Todos os alunos foram convidados, mas os professores não, apenas aqueles que queremos que participem” (ESTUDANTE 2). “Convidamos somente os [professores] mais próximos da gente, pra que a gente se sinta mais a vontade” (ESTUDANTE 7). “Não sei explicar porque só alguns foram convidados, mas parece que foi pela afinidade que eles têm com a sala” (ESTUDANTE 11). Essas afirmações revelam que ao construir um ambiente em que a sala de aula se estende ao ciberespaço os alunos optam por deixar alguns docentes de fora. Como a dinâmica da sala de aula tradicional, em que o professor concentra a autoridade e o conhecimento em suas mãos e o aluno, por sua vez, exerce um papel passivo, não existe no ciberespaço, os alunos constroem seus grupos da maneira que bem entendem. Seria esse um indício de que o uso das redes sociais na educação sugere um rompimento com a educação centrada no professor?

Uma fala curiosa de um estudante apontou para a necessidade que sua turma viu de criar um segundo grupo. “A gente convidou todos os professores. Mas depois criamos outro grupo em que eles não participam. Usamos um para falar com eles e outro para falarmos entre nós, sem sermos vigiados” (ESTUDANTE 5). Esse temor pela vigilância do que é postado no grupo esteve presente em diversas respostas dos alunos. Isso sugere mais uma vez que estamos diante da extensão dos mesmos conflitos de poder próprios da relação entre professor e aluno da sala de aula para o ciberespaço. Mas há uma diferença fundamental: no ciberespaço os estudantes concentram maior poder, domínio técnico e são sujeitos da comunicação. Assim criar um segundo grupo para que os professores não tenham acesso não foi um problema para esta turma.

Acerca da contribuição dos professores, as respostas dos alunos foram bastante homogêneas. Mesmo havendo muitos professores com perfis pessoais adicionados aos grupos, os estudantes indicaram que poucos têm participação efetiva. “Alguns professores estão no grupo, mas não participam, não postam nada. Acho que não fazem questão de participar” (ESTUDANTE 4). Todavia, os estudantes citaram um grupo seletivo de cerca de 4 professores que são mais ativos nos grupos. As contribuições desses professores citadas pelos estudantes foram: a) publicação de conteúdos ligados à matéria da sala de aula (8 citações); b) publicação de dicas e avisos de caráter informativo (6 citações); c) divulgação de informações ligadas ao vestibular e ao ENEM (4 citações); d) publicação de slides utilizados durante as aulas (3 citações); e) divulgação de notas (1 citação); e) divulgação de vídeos para ilustrar os conteúdos das aulas (1 citação); f) participação em discussões (1 citação).

Em análise, pode-se observar que a participação dos professores ainda é restrita, não só do ponto de vista da quantidade. Faltam ainda ações inovadoras, projetos que valorizem de fato o protagonismo do aluno na produção e no compartilhamento de conhecimento. O que se constata é a subutilização dos grupos no facebook enquanto ferramenta pedagógica. A partir de vários olhares é possível compreender este fenômeno. Os professores ainda não estão de fato inseridos na cibercultura? São “migrantes digitais”? Eles têm o domínio das ferramentas do ciberespaço? Conhecem as possibilidades das redes sociais enquanto ferramenta pedagógica?

Quando questionados acerca do modo como os professores poderiam utilizar mais e melhor os grupos do facebook, a maioria das respostas se referiu à participação mais ativa dos docentes. “São sempre os mesmo professores que participam. A gente queria que todos usassem o facebook” (ESTUDANTE 1).

Entretanto, outras falas apontaram para mudanças qualitativas. “Nós temos uma professora que grava vídeo-aulas como forma de revisão. Acho que os outros podiam copiar essa ideia” (ESTUDANTE 2). O uso de outras ferramentas da web 2.0, como o youtube e skype para compartilhar conhecimento também parece atrair a atenção dos estudantes entrevistados. Neste sentido, 2 alunos citaram que os professores deveriam compartilhar nos grupos mais vídeos que ilustrem os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Ainda sobre a participação dos professores, 2 alunos responderam de forma bastante interessante. “Os professores poderiam usar o facebook para realizarmos trabalhos, como debates e fóruns de discussão, para que a gente desse nossa opinião” (ESTUDANTE 8). A sugestão do trabalho é bastante relevante e mais ainda manifesta necessidade de dar sua opinião. “Acho que os professores deviam ouvir nossa opinião através do grupo. Deviam perguntar o que achamos, por exemplo, das aulas que eles nos dão” (ESTUDANTE 7). Percebe-se, em análise, que há demonstração de vontade do aluno em intervir de alguma forma em seu próprio processo de aprendizagem. Na sua concepção, o facebook é um espaço adequado para a realização dessa interatividade tão necessária na sala de aula.

É preciso, portanto, que os professores reconheçam a necessidade de mudança de postura, de adequação de sua pedagogia às novas formas de lidar com conhecimento na sociedade cibernética. O uso dos grupo do facebook como ferramenta para mediação na construção do conhecimento é um dos vários caminhos possíveis para isso.

5.3 O conhecimento compartilhado

A utilização dos grupos de perfis no facebook vem sendo cada vez mais comum entre seus usuários. Esta ferramenta possibilita o aglutinamento de pessoas com interesses comuns. Em uma rápida busca na rede social é possível encontrar grupos dos mais variados temas. Essas páginas podem ser abertas, quando qualquer usuário consegue visualizar seu conteúdo, ou fechadas, quando é necessária a aprovação de um moderador para ter acesso a seu conteúdo. Essa ferramenta é capaz de agregar poucos ou milhares de usuários que dentro dela podem compartilhar qualquer material: arquivos, vídeos, textos, enquetes, links, etc. Seu uso é intuitivo, pois não demanda muito tempo para o usuário se familiarizar com todas as suas ferramentas.

Uma das questões colocadas como um problema para esta pesquisa é como e o que esses estudantes cibernautas compartilham no interior destes grupos. Como visto, por mais que professores também sejam usuários, os conteúdos publicados por eles ainda é bastante limitado. Os protagonistas são de fato os estudantes. Outra curiosidade que advém das anteriores se refere às relações entre os alunos de uma mesma sala neste ambiente virtual. Os alunos agem nos grupos da mesma forma como agem na sala de aula? Eles contribuem com o mesmo interesse nestes dois ambientes diferentes? Entendendo essas questões como cruciais para a compreensão do fenômeno, parte do questionário direcionou a entrevista nesta direção.

Ao serem interrogados sobre a configuração do grupo da sua sala 9 alunos afirmaram se tratar de um grupo fechado. Isto é, um usuário do facebook não consegue visualizar o conteúdo postado neste grupo se não for previamente aprovado por um administrador ou moderador. Há grupos em que todos os alunos são administradores e grupos em que o administrador é apenas o criador da página. “É fechado e privado. Ninguém de fora da sala vê o que é postado, porque a gente prefere assim” (ESTUDANTE 12). “Só é aberto para alunos da sala porque todas as salas fazem assim. Se não um fica bisbilhotando o grupo do outro” (ESTUDANTE 10). É possível notar mais uma vez a precaução dos estudantes contra qualquer tipo de vigilância.

O que é compartilhado nos grupos do facebook é, via de regra, relacionado ao dia-dia da sala de aula. Os assuntos, arquivos, comentários e discussões postados estão, segundo os estudantes, quase sempre ligados à escola. Quando perguntados sobre o que exatamente é compartilhado pelos seus colegas de classe foram citados: a) slides (6 citações); b) avisos de datas, procedimentos e organização de trabalhos em grupo (6 citações); c) recados dos professores e comunicados da escola (5 citações); d) avisos de tarefas de casa (5 citações); e) informações sobre ENEM e vestibulares (4 citações); f) vídeos e vídeo-aulas (2 citações); g) organização de eventos e encontros fora da escola (2 citações); h) comentários sobre as aula (1 citação); i) críticas à escola (1 citação); j) fotos da turma (1 citação); k) piadas e brincadeiras (1 citação).

Segundo os estudantes, também não há participação ativa de todos os alunos nesses grupos. “Somente alguns participam. Outros apenas visualizam ou comentam o que foi postado” (ESTUDANTE 2). Alguns alunos não contribuem com conteúdo, mas fazem uso do grupo quando necessário. “Alguns alunos quando faltam [à escola] perguntam no grupo o que perderam, se houve trabalho, tarefa e etc. Sempre alguém responde” (ESTUDANTE 3). É possível perceber que o uso da página para manter-se

informado é muito comum entre os usuários do grupo, mais até do contribuir com novas postagens. “Eu geralmente só entro no grupo para ver o que foi postado. Só às vezes curto alguma coisa. Muitos fazem isso porque às vezes uma postagem tem só dois comentários, mas tem 40 visualizações” (ESTUDANTE 11). Pode-se notar que ainda que o abastecimento de conteúdo do grupo fique à cargo apenas de alguns alunos, muitos outros o utilizam como fonte de informação e conhecimento. Não seria importante talvez maior envolvimento da escola e dos professores para que esses alunos fossem incentivados a também produzir conteúdo? De que forma isso favorece o processo de aprendizagem desses alunos? Onde o professor e a escola poderiam intervir para mediar a aprendizagem por essas novas ferramentas do ciberespaço?

As relações entre os estudantes são diferentes quando acontecem no ciberespaço. Segundo os entrevistados, seus colegas demonstram maior interesse pelo conhecimento quando não estão em sala de aula. “Tem alguns alunos que dormem nas aulas, mas participam sempre das discussões no facebook. [...] Talvez porque no facebook não haja pressão da escola ou de um professor, é um espaço livre” (ESTUDANTE 7). “Acho que eles têm mais interesse quando não estão aqui [na escola]. Alguns parecem outras pessoas. Acho que na internet se sentem mais livres, falam o que pensam” (ESTUDANTE 4). A sensação de liberdade, mesmo associada a certas precauções com a privacidade da classe, está presente em muitas falas dos estudantes. As explicações para esta mudança de comportamento são diversas. “Temos um propósito em estar lá [no grupo]. Aqui, nem sempre” (ESTUDANTE 2). “Eu posso decidir o que quero fazer e a hora em que vou fazer” (ESTUDANTE 6). Por que essa mesma sensação de liberdade não existe no ambiente presencial? Por que a sala de aula parece engessar o interesse de alguns alunos, ao passo em que o facebook desengessa?

Obviamente há também nesses grupos alunos que de algum modo agem de forma inadequada no ambiente do grupo, com piadas e ofensas, por exemplo. Segundo os alunos, no entanto, esse comportamento é exceção. “Tem um ou outro que na internet tem um comportamento [no facebook] pior do que na sala, mas é só um ou outro” (ESTUDANTE 2). Pensando no uso da rede social como extensão da sala de aula, ela deveria estar isenta desses problemas? Por mais que os alunos tenham relatado diferenças substanciais na atitude de seus colegas, parece evidente que as relações virtuais não estão livres dos mesmos conflitos que existem nas relações presenciais. O fato é que esses estudantes protagonizam seu processo de busca por informação e conhecimento, na medida em que criaram e desenvolveram uma cultura de uso dessa ferramenta. Contudo, é possível afirmar que aprendem de

fato pelo facebook? Seria o facebook e as demais redes sociais potenciais ferramentas de aprendizagem?

5.4 A escola e o facebook

Por fim, cabe nesta análise de dados a compreensão da percepção destes alunos em relação à influência que a escola exerce sobre o que fazem no *facebook*. Em diversas falas ficou clara a preocupação desses estudantes com a vigilância que a escola pode exercer sobre eles no ciberespaço. Além disso, em diversos momentos eles sugeriram a ideia de que o que há de atraente na rede social é justamente a liberdade que sentem ao opinar, comentar e compartilhar conteúdo livremente.

Entre os 12 entrevistados, absolutamente nenhum estudante afirmou que em seu grupo foi aceito algum usuário que não seja professor ou aluno. Isto é, outros educadores da escola, como inspetores, coordenadores, orientadores, etc, não convivem com o aluno neste ambiente. Nenhum outro adulto, além dos professores escolhidos, tem acesso ao que é postado. Isto não parece ser necessariamente uma decisão que partiu de cada turma, porque, na verdade, a possibilidade de convidá-los sequer passou pela cabeça desses estudantes. “Acho que ninguém nunca pensou em convidar. Mas para que serviria?” (ESTUDANTE 1). “Já pensou se convidássemos o diretor? Ninguém ia escrever nada” (ESTUDANTE 2). “Não confiamos em ninguém além dos professores, só eles sabem realmente quem somos e o que acontece aqui” (ESTUDANTES 4).

Estas falas sugerem que os grupos são extensões da sala de aula – e não necessariamente da escola - na medida em que, por iniciativa dos próprios estudantes, eles estão restritos apenas aos agentes sociais presentes nela. “Não pode haver interferência da direção. É o relacionamento que temos com os professores que permite a existência do grupo” (ESTUDANTE 7). A posição dos alunos neste sentido é bastante clara: não querem qualquer relação entre a escola e os seus grupos, temem qualquer tipo de censura ou punição e confiam nos seus professores, mas não nos gestores da escola. Seria esse um sinal de que a escola precisa, enquanto instituição, adotar uma postura diferente em relação à liberdade de seus alunos? Seria uma demanda por uma discussão ampla acerca da democracia na escola?

Quando perguntados sobre como a escola poderia fazer uso do *facebook*, poucos souberam responder de imediato. As colocações dos alunos foram bastante questionadoras em relação a escola. “Aqui não é possível [a escola utilizar o *facebook*], por que a escola é muito autoritária, não se comunica com a gente”

(ESTUDANTE 12). Esta crítica em relação à comunicação está presente em outras falas. “A escola deveria usar para nos ouvir, não para fiscalizar se falamos bem ou mal dela” (ESTUDANTE 10). “O *facebook* é mais acessível que o site da escola. Eles poderiam divulgar informações, discutir os problemas da escola” (ESTUDANTE 6).

Esta análise de dados permite que se façam alguns questionamentos inevitáveis, que serão retomados nas considerações finais. Em primeiro lugar, qual a dimensão que o *facebook* adquiriu para o processo de aprendizagem que outrora se restringia apenas à sala de aula? Seria este um impacto provocado pelas transformações da relação entre o jovem e o saber, da cibercultura, das TICs e da web 2.0? Essa cultura de compartilhamento de conhecimento através do *facebook* já faz parte da cultura escolar no Brasil? Qual o papel do professor nesse processo? Qual papel a escola deve adotar neste processo? Ainda que essas questões não sejam respondidas, elas abrem um leque enorme para novas pesquisas. Como este fenômeno ainda é novo, sua compreensão ainda está sendo processada, de modo que o relato destes 12 alunos desta escola é apenas uma amostra de uma realidade mais ampla.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos investigados nesta pesquisa são todos eles muito novos. A cibercultura, a web 2.0, o *facebook*, enfim, são temáticas que ainda demandam muito esforço intelectual para serem compreendidas. Não é o objetivo deste trabalho apontar respostas, mas sim levantar novas possibilidades de questionamento, a partir dos relatos dos alunos entrevistados.

No campo teórico, os autores deixam bastante claro que o surgimento da cibercultura e, em conjunto, da web 2.0 transformaram a relação da sociedade com o conhecimento. Ao estabelecer relação entre autores como Lévy (1999), Silva (2008), Aparici (2012) e Mattar (2013), pode-se extrair a ideia de essa nova relação já mudou a forma como os alunos aprendem, mas não mudou necessariamente a forma como os professores ensinam. Esta dimensão pôde ser notada também na análise de dados, quando se observou a participação de poucos professores nos grupos e que aqueles que lá estavam ainda se prendiam ao modelo de transmissão de conhecimento. Não seria interessante uma investigação que traga esta abordagem acerca de como os professores utilizam o *facebook* como ferramenta? De que forma o professor deveria mediar este processo?

Outra observação relevante é a aproximação que pode ser feita entre a teoria da educomunicação, construída por autores como Soares (1999), Barbero (1997) e Kaplun (1999), e a experiência educacional dos estudantes em seus grupos. Caberia aqui uma outra investigação, na medida em que a mediação do professor, ou de um educador, é quase nula, pois os grupos são iniciativas dos alunos. Assim, ao mesmo tempo em que os grupos podem ser vistos como um ecossistema educacional, sua formação não se deu por meio de uma intervenção intencional do professor ou da escola, foi, na verdade, espontânea. Isso sugere fortemente que esses estudantes se comportam como protagonistas e sujeitos de sua aprendizagem. Os grupos no *facebook* são práticas educacionais? A educação é capaz de explicar este processo?

É preciso se debruçar também no aspecto pedagógico deste fenômeno, já que este trabalho não dá conta disso. Como se dá o processo de aprendizagem dos alunos através do *facebook*? As teorias pedagógicas tradicionais são capazes de compreender a complexidade da aprendizagem no ciberespaço?

A questão do sentimento de liberdade do uso da rede social, em detrimento da falta dela na escola também é um dado que precisa de mais profunda reflexão. Seria interessante pensar em novas formas de a escola lidar com isto? Parece claro que há um descompasso entre a cibercultura, na qual a sociedade está cada vez mais inserida, e as amarras da escola pré-digital. Não é mais viável pensar em educação de forma descolada do ciberespaço, das tecnologias da informação e comunicação e da web 2.0. Os estudantes parecem reivindicar esta aproximação, mas as pesquisas sugerem que a escola e os professores ainda não se deram conta da dimensão das mudanças necessárias.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APARICI, Roberto. "Comunicação e Web 2.0" In.: APARICI, R. (coord.) Conectados no Ciberespaço, São Paulo: Paulinas, 2012.

BARBERO, Jesús Martín. Dos meios às mediações às mediações. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

KAPLÚN, Mário. "Processos educativos e canais de comunicação", in Comunicação e Educação, jan./abr, São Paulo, 1999.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

LÉVY, Pierre. A máquina universo: criação, cognição e cultura informática. Artmed, São Paulo, 1998.

_____. Cibercultura. Editora 34, São Paulo, 1999.

MARTINS, Heloisa H. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. In: Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 30, n. 2, maio/ago., 2004.

MATTAR, João. Web 2.0 e Redes Sociais na Educação. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

O'REILLY, Tim. "O que é Web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração se software". Trad. Mirim Medeiros. 2005. Disponível em: <http://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf>

PRENSKY, Marc. "Homo sapiens digital: dos imigrantes e nativos digitais à sabedoria digital. In.: APARACI, R. (coord.) Conectados no Ciberespaço, São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA, Marco. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Comunicação Social, PUC-RS, Porto Alegre, ano 2, vol. 1, n. 37, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. "Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais", in Cotato, Brasília, Ano 1, N 1, jan/mar. 1999.

ZANTEN, Agnés Van. "Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização". Perspectiva, Porto Alegre, v. 22, n.01, jan/jun., 2004.